

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITÓRINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua 31 de Janeiro, 165—GUIMARÃES

Citania e Sabroso

Estas duas estações prehistóricas, que Martins Sarmiento fez surgir da terra e onde gastou tanto da sua energia, cavando-as com carinho e sciencia, deslumbrando o mundo sábio com o seu laborioso estudo e trazendo a gloria de ser dele também, os mais distintos arqueólogos do país e do estrangeiro, que consideraram a Citania como a primeira estação arqueológica da Europa, estão condenadas a desaparecer, por completo e rapidamente, se lhes não acudir o povo de Guimarães, a quem Sarmiento as legou.

Entendeu a Câmara, e muito bem, no tempo em que a Sociedade Martins Sarmiento era... a instituição que os seus sandosos fundadores edialisaram e souberam realizar durante a sua vida, que nenhuma entidade haveria mais competente para cuidar, com desvelo, da Citania de Martins Sarmiento do que a Sociedade, que, tendo por fim promover a instrução, a Sarmiento tinha ido buscar como sua égide.

Entregou-lhe, pois, o encargo de manter e conservar as estações prehistóricas da Citania e do Sabroso, legadas á Camara por Martins Sarmiento.

Existia esta clausula nos contratos que entre a Câmara e a Sociedade foram celebrados, a propósito da entrega a esta da Biblioteca Municipal e, provavelmente, continua a existir no pseudo-contrato ultimamente, inutil e teimosamente, realiado pela actual Comissão Administrativa.

E como é que a Sociedade satisfaz este honrozissimo encargo, que devia constituir a sua mais instante e forte preocupação?

Pois terá ela forma de mais e melhor glorificar a memoria de Sarmiento, de mais e melhor contribuir para o estudo daquelles que com Sarmiento queiram aprender, do que manter preciosamente intactas as pedras que Sarmiento desenterrou e juntou em anos de porfiada estudo e canseira e que para a Sociedade, só porque Sarmiento lhes tocou, deviam ser sagradas?

Como é que a Sociedade, com que carinho, com que cuidado, faz conservar essas ruínas que Sarmiento descobriu e causaram o assombro ás mais altas capacidades que de tão longes terras vieram a admira-las?

Preguntem-no aos rapazes, pobres guardadores de gado,

que por elas fazem pastar os seus bois, todos os dias e em plena liberdade.

Enquanto o gado vai demolindo, com as patas, as paredes que Sarmiento tão laboriosamente conseguin levantar, o rapazio que o guarda, entretém-se a fazer correr pelo monte abaixo a pedra miuda do que resta.

E assim irá desaparecendo a mais rica estação arqueológica da Europa, como os sábios a classificaram e que melhor fôra que Sarmiento, para, a defender da incuria de uma Sociedade que tem o seu nome, a deixasse soterrada.

A Citania fica lá longe, no monte de S. Romão, em Briteiros. Aquilo é uma coisa suja e abrupta: para lá ir... que grande massada! Caminhos péssimos, próprios para cabras, e depois... muitas pedras, muito pedregulho que um maniaco se lembrou de desenterrar.

Ora pedregulho não falta por aí, a cada canto, e cacos já no museu da Sociedade ha muitos.

Deixar lá aquela coisa que para nada serve. Vamos mas é tratar de discursatas, de sessões solenes, de conferencias chiques.

Isso sim, que dá a nota. Vem as senhoras com os seus vestidos de gala, vestimos nós as nossas casacas, vêem-nos elas, admiramo-las nós, e finge-se que se ouve umas coisas muito bem pronunciadas e declamadas, em segunda ou em terceira mão, por um actor da moda.

E' chique, é do bom tom.

Da conferência nada nos fica: mal ouvimos, distraídos a rasgar com os olhos as sedas finas que escondem encantos que nos enebriam. Mas... que prejuizo! Se ela tiver merecimento, não deixará de ser publicada e então a leremos, no remanso do nosso gabinete, sem mulheres a estontear-nos, nem colarinhos altos a esganar-nos, única forma de a compreendermos e assimilarmos.

A sério! E' preciso olhar pela Citania. Lembrem-se de que Sarmiento dorme ali proximo e consumiu uma vida inteira a estudar e a desenterrar aquelas pedras.

Desiludamo-nos. Não contemos com a Sociedade, porque a Sociedade morreu. Sarmiento confiou da Câmara aquelas ruínas. Tome a Câmara conta delas.

Façamos para lá um caminho que as torne acessíveis a tantos que as desejam ver. Publique-

se uma memória descritiva que se distribua pelos seus visitantes e que os auxilie no seu estudo. Tirem-se fotografias, publiquem-se postais com elas ilustrados e, antes de tudo, ponha-se ali um guarda permanente que não consinta os vandalismos que por lá se cometem, que nos entristecem como conterraneos de Sarmiento, que nos aviltam como criaturas civilizadas.

Esteja quem estiver na Câmara, acorde! Não há que confiar na Sociedade. A Sociedade atraiçoa os seus fins, esqueceu-se de Sarmiento, se é que o não ignora.

A Câmara pode pagar a despesa com a guarda e conservação da Citania. Não hesite quem quer que lá esteja. E terá o aplauso de quem tenha inteligencia e coação.

Parto difieil

Ainda não conhecemos o orçamento ordinário da Câmara, elaborado pelo sr. commissário presidente, para o ano que começa. Dizem-nos que é obra prima, a calcular pelo trabalho e canseira que tem dado ao illustre elaborador.

Veremos como é que ele estropiará, na cópia, o orçamento do ano anterior. Para já, consta-nos que, de tão trbalhosa tarefa, alguma coisa de transcendente se aproveita. Um bôdo, um grande bôdo a todos os funcionários municipais.

E' costume de certas vereações, quando sentem as proximidades da morte, talhar, do dinheiro que lhes não pertence, grossas fatias para os afilhados. E, por tabela, apanham também os que o não são, para não desacreditar a moralidade do sapateiro de Braga.

Ora os srs. commissários tem afilhados e resolveram contemplá-los no infundavel testamento que estão fazendo. E daí o aumento de ordenado a todos os funcionários municipais.

E' sabido que nenhuma oportunidade ha, no momento presente, para tais aumentos. Oportunidade, no sentido geral das necessidades e das disponibilidades.

Mas, os srs. commissários apenas atendem aos poucos dias que lhes restam para neste mundo reinar e toca a dar dinheiro a todos. E os que vierem depois... que se arranjem, arcanjo com o odioso de terem de repôr tudo nos eixos.

Seja tudo para maior glória dos salvadores do país.

Assinar os jornais do nosso Partido é dever de todo o bom correligionário; não assinar nem por qualquer forma auxiliar a imprensa que o combate ou procura ferir as suas figuras representativas, é obrigação que a todos compete. Exige-o a coerência e a legítima defesa.

Fiscalização do leite

Aprovou a Câmara eleita, por unanimidade e com a colaboração inteligente e cuidada da minoria católica, a postura para fiscalização do leite à venda na cidade, que abaixo publicamos, para elucidação de todos os nossos leitores.

Teve a Câmara em vista acabar de uma maneira decisiva e eficaz, a exemplo do que já se pratica noutros concelhos, com o criminoso e incessante abuso de adulteração do leite, principal alimento dos doentes e das crianças.

A exemplo também do que nalguns desses concelhos succedeu, os mixordeiros promoveram uma greve, na ocasião em que a Comissão Administrativa da Câmara entendeu que devia pôr em execução a referida postura.

Nem porisso deve a Comissão Administrativa hesitar um momento na deliberação que tomou, que é justa e necessária.

A greve é fácil de resolver desde que haja firmeza e energia.

A Comissão Administrativa deve manter sem alteração nem contemplações a postura que tanto afflige os mixordeiros, que nos tem exigido preços exorbitantes pelas inúmeras porcarias que mistutam no leite, com o intuito, é certo, apenas de nos roubar, mas levando-nos também, sem o minimo escrupulo, a saúde além do dinheiro.

A postura tal como foi votada pela Câmara dissolvida, é a seguinte:

Postura sobre a fiscalização do leite, aprovada por unanimidade em sessão de 5 de Junho de 1926, referendada.

Regulamento para a venda e fiscalização do leite em Guimarães:

Artigo 1.º—A venda do leite na cidade e concelho de Guimarães far-se-há nos termos dos regulamentos gerais dos serviços de saúde e observar-se-hão sempre as disposições dos artigos seguintes:

Artigo 2.º—O leite destinado ao consumo publico será previamente submetido à análise, para o que os vendedores deverão comparecer no Laboratório Municipal diariamente à hora indicada pela Comissão Executiva da Câmara.

Artigo 3.º—O leite depois de analisado e julgado próprio para o consumo será encerrado em bilhas de modelo adoptado pela Câmara, para esse efeito, as quais serão devidamente seladas no Laboratório.

Artigo 4.º—Os vendedores de leite desnatado são obrigados a trazer na sua bilha, devidamente selada, o dístico indicativo da qualidade do leite.

Artigo 5.º—O leite não pode ser apresentado à venda senão nas bilhas de modelo adotado pela Câmara e sempre devidamente seladas de maneira a permitir a fiscalização o reconhecimento de que as tampas não foram abertas.

Artigo 6.º—Os vendedores apresentar-se-hão sempre escrupulosamente lavados, com vestuário limpo e higiênico e bilhas igualmente cuidadas com todo o rigor devendo trazer consigo e apresentar sempre que lhe seja exigido, o cartão de identidade a que se refere o decreto n.º 10.539 de 12 de Fevereiro de 1925.

Artigo 7.º—Como taxa de fiscalização pagará cada vendedor a quantia que anualmente fôr fixada no orçamento.

Artigo 8.º—O não cumprimento das disposições de qualquer dos artigos anteriores implica a multa de 50000 escudos pela primeira vez, 100000 escudos pela segunda vez e no caso de nova reincidencia, além da multa de 200000 escudos, será retirada para sempre, ao vendedor, a licença de venda.

Art. 9.º—Aos vendedores que aparecerem em público vendendo leite com o selo da bilha violado será aplicada a multa nos termos do artigo anterior e apreendido o leite a que será dado o destino que, depois de novamente analisado, o director do Laboratório indicar.

§ unico. Quando a nova análise do leite revelar adição de água, ao vendedor será aplicado o dobro da multa e quando revele alteração por qualquer outro processo a multa a aplicar será sempre de 200000 escudos e a licença de venda, além do processo, será cassada, sem que novamente possa ser concedida, comunicando-se o delicto para juizo.

Art. 10.º—Os vendedores de leite serão devidamente inscritos em um registo destinado a esse fim e terão de munir-se de uma licença passada anualmente pela Câmara, mediante o pagamento da taxa que fôr fixada no orçamento.

Art. 11.º—Ficam por esta forma alteradas as disposições do Capitulo quinto do Codigo de Posturas, continuando, porém, em vigor o artigo 424 do mesmo Codigo.

Pôsto médico

Inaugurou-se o pôsto médico municipal, que tem adjunto uma enfermaria, uma instalação de radiologia e um laboratório químico.

Trata-se de uma obra projectada e iniciada pela Câmara eleita, agota concluída, devido à tenacidade com que, junto da actual comissão administrativa, defendeu tão útil melhoramento, o digno sub-delegado de saúde e nosso prestantissimo correligionário Dr. Alfredo Fernandes.

No próximo número daremos noticia mais circunstanciada das vantagens que, para a saúde pública deste concelho, resultam da instalação deste posto e laboratório anexo.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA.

Escola Industrial

Prometemos, ha tempos, para que melhor se ficasse conhecendo a importância do curso comercial, que foi criado na nossa Escola Industrial e que já está no seu segundo ano, publicar o programa das diferentes disciplinas de que elle consta e que já são do conhecimento dos nossos leitores.

Outros assuntos de maior urgência nos teem feito adiar o cumprimento dessa promessa: agora, porém, que já appareceu alguém a classificar de *larachas* as disciplinas que se ensinam na Escola Industrial, resolvemos não demorar mais a publicação desse programa, que hoje começamos.

A criatura que — e por agora só nos queremos referir ao curso comercial — entende não passarem de *meia dúzia de larachas*, inúteis, portanto, para o exercício do comércio, as disciplinas de português, francês, inglês, aritmética comercial e geometria elementar, elementos de direito comercial e de economia politica, geografia comercial, vias de comunicação e transportes, história geral e pátria, noções gerais de comércio e contabilidade e escrituração comerciais, elementos de física e química e história natural, noções de tecnologia e mercadorias, trabalhos práticos de caligrafia, estenografia e dactilografia, ou está muito abaixo do nível vulgar do senso comum, ou imensamente acima dos *insignificantes* que redigiram os programas e estabeleceram os quadros das disciplinas a professor nas escolas industriais e comerciais.

Vamos pela primeira hipótese: iríamos, mesmo que não conhecêssemos a criatura a que nos estamos referindo.

E segue o

Programa do Curso Comercial professado na nossa Escola Industrial

Disciplina a) Língua Pátria

1.º ano

Leitura e exercícios ortográficos.
Correcção da pronúncia em harmonia com a ortografia.
Explicação do texto, no qual se compreenderá a fonologia e morfologia, com:

- O estudo dos sons;
- A classificação das palavras;
- A conjugação dos verbos.

2.º ano

Repetição da matéria do 1.º ano.
Leitura com explicação do texto, na qual se compreenderá a sintaxe, com:

- Ligação das orações;
- Elementos principais de que se compõe;
- Regras gerais de concordância.

Exercícios de redacção com resumo de trechos e substituição de palavras por outras equivalentes.

3.º ano

Leitura com explicação do texto, acompanhada, tanto quanto possível, de noções geográficas, históricas, comerciais e industriais.
Derivação e composição de palavras.
Principais sufixos.
Conhecimento dos prefixos.
Divisão e classificação de orações.
Classificação dos principais complementos.
Substituição de orações por palavras ou outras orações equivalentes.

- Discurso directo e indirecto.
- Regras gerais de concordância.
- Redacção de cartas familiares e comerciais.

4.º ano

Leitura com repetição das noções sintáticas do 3.º ano.
Conhecimento do emprêgo dos modos e tempos dos verbos — Infinito pessoal e impessoal.
Emprêgo das proposições.
Regras particulares de concordância.
Qualidades essenciais da linguagem e seus vícios.
Noções de literatura portuguesa.
Redacção de cartas comerciais. Descrição sucinta de um estabelecimento comercial, de uma fábrica, de uma máquina, de um produto industrial.

Viva a moralidade!

Do nosso colega «Pro Vimarene» transcrevemos a seguinte local:

«Ai vai uma história... Era uma vez uma Câmara, que em certo dia resolveu adquirir dois carros para a limpeza que é de sua obrigação fazer, o que nem sempre acontece.

Para isso mandou chamar os seus fornecedores. Ora, não damos novidade nenhuma se dissermos que nisto de fornecedores há filhos e enteados.

A'quele chamamento foram quantos enteados fornecedores havia. Verificados planta e caderno de encargos, opinaram os fornecedores enteados que lhes era materialmente impossível construir os citados carros em virtude da exiguidade da verba que lhes era atribuída. E... desistiram.

Nesta altura chegam os filhos fornecedores e tomam sobre si o encargo daquele fornecimento. Que espirito de sacrificio!! Que abnegação!!

Edizemos sacrificio e abnegação, porque os filhos fornecedores foram mandar construir os carros em questão a um dos enteados que tinha visto a impossibilidade de os fazer. Já é!...

Ora alguém que superintende nestes fornecimentos, naturalmente para premiar este *gesto* tão altruista, consentiu que a já referida planta não fosse comprida à risca. Enquanto aos enteados era exigido que nem um parafuso faltasse, os filhos suprimiram molas e fizeram aquilo que muito bem lhes deu na gana.

Isto vai sem comentários à laia de história que se conta à lareira nestas gélidas noites de consoada».

Casos identicos a este, temos mais para relatar e comentar. Simplesmente o espaço não tem chegado. Mas tudo virá a seu tempo.

Há manobras como esta e outras um pouco diferentes com que se tem conseguido servir... os filhos.

E' possível que nem todos os srs. commissários vão no bote, mas quem os manda ser confiados?

Uma esperança

Dos jornais de grande informação transcrevemos o seguinte telegrama, há poucos dias publicado:

«ROMA, 30.— Em presença de numerosos médicos realizou-se no Policlínico uma experiencia do mais alto valor scientifico que tem sido largamente comentado nos meios médicos italianos.

Havia cerca de oito meses que fôra admitido na secção de doentes dos pulmões, um individuo de nome Augustó Gasperini, de 30 anos e natural de Albano. Pouco a pouco, o caracter tuberculoso do doente manifestou-se duma gravidade excepcional. Na última quarta feira, o pobre enfermo entrava na agonia, vindo a expirar às 5 horas da tarde.

Meia hora depois, o doutor Innocenzo Nuvoli, em presença de numerosos colegas e depois de constatar o obito que foi confirmado, declarou que iria tentar, por meio da adrenalina, uma verdadeira ressurreição. Para tal effeito, o illustre homem de sciencia deu três injeções no ventriculo esquerdo do morto, através do quarto espaço intercostal. Os resultados foram immediatos. O cadaver reanimou-se, verificando-se que a sua respiração era regular.

Pouco depois, foram applicadas injeções intravenosas de strofantina que completaram o milagre de fazer reviver o morto. Este, tomando plena consciencia de si mesmo, assentou-se no leito e pe-

diu de beber. Alguns dos médicos presentes não ignoravam que o morto-vivo era agitado por uma vida puramente artificial e que, dentro em pouco, regressaria ás regiões misteriosas da morte. Aproveitou-se o curto praso daquella sobrevivencia para lhe ser administrada a extrema-unção ao pseudo resuscitado. Este continuou a viver durante pouco tempo mais de uma hora, tomou uma ligeira refeição e recaiu em agonia. Três horas depois, após esta experiencia extraordinaria, Gasperini morrou de novo».

Esta informação interessa a todos em geral, mas muito especialmente pode aproveitar aos srs. commissários a quem, nem pelo facto de sinceramente lhes desejarmos uma longa vida fisica, deixam de estar sujeitos a uma próxima queda de commissariado.

E então com o auxiliosinho da adrenalina poderão resuscitar por algumas horas mais, para qualquer codicio que desejem acrescentar ao seu testamento.

Ele é tão comprido que, com certeza, não podem termina-lo em vida.

Quem canta...

... E o lirismo plebeu, fiel ás mais remotas tradições, foi sempre um desabafo salutar que o ingenho simplório do povinho ataviou. Uma flor que desabrocha à luz crepuscular duma manhã foi-lhe sempre um motivo de expansão; uma rosa que se espreguiça indolente ao lânguido murmúrio dos zéfiros jamais lhe foi indiferente. A musa popular é tão sincera que até...

Nas horas vagas da noite quando brilha a lua cheia se não tem fôrma p'ra as rimas murmura da vida alheia.

Mas as flores, ingénuas como os olhos do poeta, esmaltam sempre a verdura do jardim; e o aroma que rescendem, a beleza que aparentam, é para o desolado cantor o pólen espirital, como este o é materialmente para as abelhas. Há ainda uma figura pálida de mulher que impressiona, um sorriso demorado que prende, um olhar penetrante que fascina. Depois a saudade, última estância do puro sentimento, brota no peito alanceado protestando a sua derrota.

Mas... lá o diz o outro: Ora...

¿ Pois o vento, na verdade' por mais rija a viração pode apagar a saudade que temos no coração ?

¿ Pode a mais fria nortada profundar um coração...? ... levar a sombra adorada, desfazer uma ilusão ?

¿ Pode enfim o vento agreste penetrar com espavento uma lamúria celeste que temos no pensamento?

Respondam os leitores mais acidos. Colhemos estas quadras num velho alfarrábio. Pelo visto o autor era um temperamento pouco conforme àquella afirmação do génio popular. Não comentamos. Vem tudo isto a propósito de dizermos, como aliaz já se tem dito, que nem só quem faz versos é poeta. Nós conhecemos um de fina raça que nunca poetou em versalhada. E não obstante, faz parte dos referidos pela *ténue penumbra da sua imaginação, pela opacidade da sua prosa*. Enfim... diz muitas coisas. Tem muita lábia no dito — coisa apreciável quando a inspiração mingua. Como os poetas muito palavrosos ajunta bem os termos e... caiu em voga o seu nome. Em todos os cantos se fala nelle. E' o ideal! Já se vê que assim o quiz a varinha mágica dos bruxos.

O destino anda gravado na testa do mortal.

As reisadas andaram para si a dar ao lamiré. Era um barulho infernal pela noite fora. Tudo cantava e zabumbava apesar daquêle frio que nos faz entorpecer. Ninguém se queixou das mãos pèças.

Porque aquêlê deus prodigo do verdasco, o decantado Baco, estava de bom humor, tudo leva a crêr que *Sua Imponência, o tal Baco*, obrou prodigios aquecendo os friorentos. Mas o quadro que se nos depara é bem diverso. A história desta festa, que as nossas mães nos repetiram tantas vezes, tem um cunho religiosamente elevado. Os três Magos, figuras bíblicas que as gerações bafejam com a veia da sua poesia, representaram um grande papel no mundo do seu tempo. Seguiam com essa estrêla, que irradiou no espaço, para a ponte da verdade. Caminhavam na esperança e com ela chegaram diante do Filho de Deus. Os Magos teem a benção da tradição. Benditos sejam!...

E a verdade foi sempre uma imposição. E' por isso que a musa da gente rude tem a graça e o frescôr que tanto nos encanta. O ingenho, a verdadeira arte de cantar sem mentir, reside ali.

... E a musa escarninha também não poupa a insónia dos lunaticos. Persegue-os, sonda-os até lhes estampar as fraquezas. Eles fogem, acocoram-se quando a presentem.

Mas ela...

Lá por ser velha, meus velhos, que de velha hei-de morrer perdoai-me a rabugice que vos anda a impecer.

Os que isto escutam riem. Se acaso lhes dirige a nossa velha um cumprimento emudecem. Tal susto apanham que...

... De amarelos ficam pardos e de pardos vão dizer que não é medo da velha a causa de pardos ser.

Concordamos. No entanto, tem a velha musa uma certa pontaria contra estes rizeivos. E, por conclusão, quando aponta, também accerta. Dai, a ferida a sangrar! Que isto de feridas é já uma coisa tão trivial que nem de barro à porta. Todo o sêr geme de feridas. E' por isso que...

Para curar uma frida que se faz num tornozelo basta chegar-lhe tintura e depois colar-lhe um selo.

Que bem selada, tem cura muito suave. A musa diz ainda outras trapalhadas que não veem ao caso a tratar.

(Continua).

Expediente

Estamos procedendo á cobrança do primeiro semestre da presente fase de «A Velha Guarda», a qual principiou com o n.º 146 e termina com o n.º 171.

A fim de evitar devoluções de recibos, que nos ocasionam grandes despêsas, esperamos dos nossos presados assinantes a fineza do pagamento do recibo logo que este lhes seja apresentado.